Ano XXV — Lisboa, Julho de 1969 — N.º 291

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Redacção 63 66 07 — Administração 63 88 49 • Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga

NO RESCALDO DE DOIS CENTENÁRIOS

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Desde o descobrimento fortuito, há milénios, da particularidade atractiva do *electron*, o nosso âmbar, até à fotografia da Terra vista da Lua, por três manejadores da electrónica, vai um tão longo caminhar, de tão difícil comemoração em suas conquistas, que parecerá quase banal celebrar alguns dos nossos centenários. Mas há aí um puro engano; centenários há que preparam os milénios e lhes dão vida, na nossa curta existência.

Os dois de que vou falar são desses tais: são portugueses, mas de repercussão mundial. De quatro séculos ou de um, mas de efeitos que o tempo não destrói.

Já o leitor descobriu que me refiro a Pedro Álvares Cabral, o valoroso navegador cujo somatório de virtudes não seremos hoje capazes de devidamente avaliar, encarregado de «oficializar» o descobrimento da Terra de Santa Cruz, então assim chamada, quebrando talvez um sigilo nosso, «à maneira fenícia»; e ao almirante Gago Coutinho, sábio africanista, insigne matemático, o inventor do «sextante de bolha de ar», réplica do «ovo de Colombo», se quiserem, pela sua genialidade, que marca sem que contenha todo o valor desse tão simples e tão grande homem, alto no pensamento e acessível no trato, diferente e convivente, patriota genuíno pelos feitos e nada patrioteiro pelo comedimento verbal, que fez do Atlântico uma estrada de rotina pelo ar e pelo mar.

Ora tudo está dito — não é verdade? — acerca desses dois Homens que serviram a Grei entre muitos outros, mas como muito poucos. Todavia, nas minhas reminiscências aqui os estou reunindo com um mesmo símbolo — o *tamanco*. Coisa estranha, o tamanco! Mas espero justificar-me.

Já lá vão mais de quarenta anos. A crise «nativista» que atingira os poveiros, estava pràticamente esquecida. Entretanto, o anedotário luso-carioca era sempre enriquecido, com bonomia, dum e doutro lado do Atlântico. Coisa vulgar entre parentes, diga-se de passagem.

O emigrante português preferia o Brasil à África, e deixavam-no ir sem qualquer espécie de preparação, geralmente analfabeto e ingénuo, ainda que inteligente e activo. O brasileiro, instalado e descontraído, risonho e senhor-de-si, começou a caracterizá-lo por esse símbolo, o tamanco, que alguns usavam à chegada, provàvelmente. Haveria por vezes, e não poucas, uma intenção achincalhante, como houve em Portugal, durante séculos, acerca dos nossos vizinhos galegos? A esse respeito vede as referências zombeteiras desde Camões a Garrett, passando por Tolentino. O emblema em que nós fixámos para designar os naturais da Galiza, que com proverbial honestidade nos serviam, era o chinguiço. Boa vingança sofremos: os inventores do emblema do chinguiço recebiam a réplica do tamanco!

Hoje até sabe bem falar nisso, quando tudo tão mudado está. Aqui vejo eu nos periódicos a informação da «France Press», do dia 14 de Junho corrente: «Numa das praças do Rio de Janeiro será erguida dentro em breve uma estátua em homenagem ao emigrante português. O governador Negrão de Lima assinou um decreto regulamentando esta iniciativa das associações luso-brasileiras».

Entretanto, cá e lá, prepara-se a visita, de tão alta significação, do ilustre Presidente do Conselho de Portugal Professor Marcelo Caetano, que levará à nação irmã a palavra onde soa o velho bom senso dos governantes de outrora com a firmeza de propósitos e a clareza de vistas que o distinguem e nos honram.

*

Chegado ao Rio de Janeiro, já lá vão, como acima disse, bons quarenta anos, eu vira em letra de forma a

Continua na pág. 7

Tribuna dos mais novos

Novos caminhos para o Escotismo?

Em países, como a França, Estados Unidos, Espanha, o escotismo tem progredido duma maneira extraordinária. Alargou-se, generalizou-se. As actividades juvenis têm um princípio, meio e fim nos jovens; são eles quem idealiza, executa, numa palavra, vive. E isto, no escotismo, é básico. Por outro lado, abriram-se as portas às novas ideias; sentiu-se essa necessidade, por uma evolução natural.

Por outro lado, em Portugal, por assim dizer, não passamos da cepa torta. Algumas coisas se têm feito, mas parece, sem grande continuidade. Ora, é fundamental obrigar um rapaz a raciocinar, idealizar, construir, organizar e participar. O factor intelecto está, como fàcilmente se observa, dentro de qualquer dos verbos citados. E os nossos escoteiros, por natureza, mostram-se pouco habituados a usar a substância cinzenta.

Será possível praticar o escotismo (o verdadeiro escotismo, aquele que realmente forma um carácter e uma personalidade) com uma massa apática, desinteressada, que em tudo depende do chefe, quando depende.

Todas estas razões podem explicar uma série de factos. Mas não ilibam de culpa aqueles que, tendo as qualidades mínimas, se desinteressam.

Para os nossos ócios, escolhemos a TV. Ora, escotismo é actividade, movimento, vida. Começou por ser (e ainda é) uma organização juvenil, mas cremos que no futuro juntará novos e velhos, rapazes e raparigas. De 1907 para 1969 muita coisa mudou. Os princípios continuam a ser os mesmos, mas as regras práticas têm de ser revistas e mudadas, senão paramos; e parar é morrer. Não estaremos nós parados?

É preciso entusiasmar os rapazes pelas coisas que se podem fazer. Como disse Gogol, cada indivíduo tem uma mania. São essas «manias» que é preciso trazer para o escotismo (teatro, filatelia, poesia, jornalismo, centros de estudos e pesquisas, etc., etc.), para que conjuntamente com os velhos métodos (vida ao ar livre, hábito de auto-suficiência, sistema de patrulhas, etc.) se possa obter um escotismo mais de harmonia com os interesses do jovem de hoje.

João Pedro M. Ponte

Se a inércia e a apatia intoxicam progressivamente o indivíduo, o entusiasmo tonifica-o.

PITIGRILLI



ITÁLIA

Novamente este ano, de 6 a 21 de Setembro, realiza-se o Prémio Internacional de Pintura e Fotografia Escoteira — o 5.º concurso até agora efectuado.

Tanto na parte de pintura, como na de fotografia, o concurso está aberto aos jovens amadores. Os trabalhos devem estar na posse dos organizadores — SEGRETERIA PREMI SCOUTS — 38062 ARCO (Trento) — Itália — até o próximo dia 31 de Agosto, acompanhados da taxa de inscrição (5 francos por cada trabalho). Os motivos devem estar baseados no ambiente e na natureza onde se passa a vida escotista.

Em cada um dos dois concursos haverá um júri, que decidirá quais os trabalhos que devem tomar parte na exposição e concederá, em 21 de Setembro, os Prémios Internacionais «OLIVA D'ORO» (fotografia) e ainda outros aos melhores classificados.

Pintura: cada quadro deve estar colocado num suporte. O título será posto nas costas da pintura, e terá uma marca de identificação, que será repetido no exterior de um sobrescrito bem fechado. No interior deste sobrescrito será mencionado, com exactidão, o nome, idade e o endereço do concorrente. Os escoteiros acrescentarão o nome da Associação a que pertencem. A técnica a empregar é livre.

Fotografia: idênticos procedimentos se terá com os trabalhos desta secção, sendo o pseudónimo colocado no verso da fotografia, que serão dos formatos 18 × 24 (quando em preto e branco), e 12 × 18 (quando em cores). No interior do sobrescrito deve ser ainda registada a ficha técnica: aparelho fotográfico, tempo, diafragma e película empregados.

Os trabalhos apresentados a estes concursos serão postos gratuitamente à disposição do escotismo mundial para fins de reprodução.

A INSÍGNIA ESCOTISTA MUNDIAL

O Conselho e a Secretaria Mundiais estudaram, a pedido da Conferência Mundial, cinco diferentes concepções da insígnia escotista (sendo duas de metal e três de tecido). As associações escolherão destas versões aquela por que optem.

Ao Presidente da República das Filipinas foi oferecido a primeira simbólica insígnia mundial por ocasião das cerimónias do Dia do Fundador. Por outro lado, o mérito da primeira encomenda oficial pertence à Nova Zelândia. Algumas associações decidiram adoptar uma ou mais versões da insígnia. Estão neste caso, entre outros países, as Honduras, Itália, Koweit, Malta, Serra Leoa e Tanzânia.

Estas insígnias, cujo preço é muito módico, só podem ser vendidas pelas associações escotistas nacionais.

NEPAL

O Nepal é o 94.º país membro da Conferência Mundial, onde ingressou em 16 de Abril último. A Associação dos Escoteiros e Guias do Nepal, que conta actualmente mais de 7 600 membros, foi fundada em 1952 e está em constante progresso. O príncipe herdeiro Birendra é o escoteiro-chefe geral e o Presidente do Conselho Executivo da Associação.

O JUBILEU DE GILWELL PARK

Um projecto elaborado com o fim de recolher fundos para a construção do novo Recinto Internacional da Amizade, acaba de ser acrescentado às outras celebrações que marcam, de forma significativa, o Jubileu de Gilwell Park. Os dirigentes escotistas do mundo inteiro, e nomeadamente os detentores da Insígnia de Madeira, são convidados a «dar qualquer coisa em troca a Gilwell».

A construção prevista, que importará em 30 000 libras, é constituída por um centro de conferências internacionais (onde se inclui todo o equipamento necessário para as traduções simultâneas), quartos e acomodações para visitantes, assim como o Museu Gilwell.

Entre outros acontecimentos comemorativos deste aniversário, destaca-se a visita de 25 000 lobitos, que, no dia 5 do mês em curso, invadiram o Parque, durante o «Dia do Lobito». Nesta festa, os lobitos visitaram um jardim zoológico móvel e passearam montados em camelos. 45 000 garrafas de limonada e 6 toneladas de gelados foram distribuídas por eles. Outras importantes comemorações: uma reunião de 3 000 chefes de 50 países, de 5 a 7 de Setembro, e o 5.º Acampamento de Pais e Filhos, em 27 e 28 também desse mês.

INGLATERRA

Os esforços excepcionais de um grupo de escoteiros marítimos foram coroados recentemente pelo lançamento à água do «Seven Kings», um iate de 44 pés que eles próprios construíram. A empresa teve início em 1961. Foi o seu escoteiro-chefe, um professor, que dirigiu o trabalho, executado num campo escotista próximo de Romford, Essex. Durante sete anos, dezenas de jovens, em mais de 25 000 horas de trabalho, participaram na construção do barco, que está avaliado em mais de 18 000 libras.

Os problemas surgidos foram numerosos: tempo mau, falta de fundos, etc. Apesar de tudo, trata-se de um magnífico barco, que possui a bordo tudo o que há de mais moderno em equipamento náutico e de segurança, uma cozinha completa e leitos para oito pessoas. Foi também tarefa penosa abrir passagem com o barco até ao ancoradouro. Crê-se que é o maior barco construído por amadores.

FILIPINAS

Correspondendo ao apelo do Presidente Marcos, os escoteiros participaram activamente na Campanha Anti-Ratos, que visa a eliminar estes roedores tão daninhos.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Num dia apenas, 200 lobitos e escoteiros limparam a Floresta Nacional de Ocala, na Florida, de 129 308 latas de conservas e garrafas vazias abandonadas!

Orfeão Escotista do Ceira

Elementos do Corpo Nacional de Escutas da vila do Ceira, arredores de Coimbra, constituíram um orfeão com cerca de sessenta rapazes e raparigas, que está a ser dirigido pelo Sr. Venceslau Madeira, enfermeiro-chefe do Hospital Sobral Cid.

Reina o maior entusiasmo entre os jovens, que estão trabalhando pela sua valorização musical, pelo que o Orfeão Escotista do Ceira irá ser uma excelente realização dos escoteiros daquela vila.

DEPOIMENTO DE UM JOVEM

Pergunta: — Achas bem a maneira como os teus pais te educaram?

Resposta: — Não, não acho bem a maneira como os meus pais me educaram. Porquê? Porque existem vazios na minha vida. Mais compreensivamente: porque sinto que aquilo que hoje sou, poderia ser fàcilmente superado por aquilo que, com a ajuda de uma outra educação, poderia ser. Razões: Fundamentalmente porque não receberam educação de como educar seus filhos (neste caso, eu). Porque não fizeram posteriormente grande esforço para a receberem. (Ponho evidentemente de parte tudo aquilo que se referir ao carácter pessoal, tendências, maiores ou menores caturrices, etc.).

Como resultado de tudo isto, e como já referi, surgiram-me pontos fracos, incapacidades e outros defeitos de ordem moral, social e cultural.

P.: — São os pais os culpados da infelicidade dos filhos? Porquê?

R.: — Não concordo com a proposição tão categòricamente feita. Se fizerem um inquérito, com facilidade chegarão à conclusão de que hoje não há pràticamente jovens felizes. Vamos culpar disso os nossos pais? Conheço inclusivamente pais dos mais formidáveis, cujos filhos (segundo dizem) não são felizes. Teríamos de culpar toda uma geração em prejuízo de outra. Não, a questão não é essa. Desde que o mundo é mundo, os jovens se intitulam infelizes. Isso faz parte da lei natural. O período da adolescência-juventude é o mais importante de toda a nossa vida. Se nele existem «erros», esses erros foram criados para prepararem o indivíduo para a luta pela vida. A nossa idade é como que a foz de um manso rio que choca violentamente com o mar que, fora uma ou outra tempestade, marca por ser normalmente calmo. Quanto ao método educacional, penso que bàsicamente deve assentar sobre a atribuição de responsabilidade ao filho (com a dualidade dever-direito) e sobre a desinteressada e paciente camaradagem por parte do pai.

Mas reparem que somos nós, os novos, que temos que ir ao encontro deles, os da outra geração. Eles já têm os seus hábitos, os seus EUS e nós não. Estamos a caminhar para isso, mas por enquanto somos mais flexíveis.

P.: — Sentes-te feliz com o seres integrado na família a que pertences?

R.: — Eu sinto-me feliz, mas não com o ser integrado na família. Aí, não. Sou feliz no aspecto pessoal porque alcancei maturidade suficiente para dizer que *vivo a minha vida* em contraste com todos esses jovens que se dizem infelizes e que vegetam num dia a dia absorvente e monótono, em que hoje é igual a ontem e igual a amanhã. Sim, digo mais: vocês, que triste e resignadamente se dizem muito infelizes, se o são, e por exclusiva culpa própria, é porque não querem completamente ser felizes (submergem inglòriamente no mundo ingrato e áspero que os rodeia) clamando contra os pais que são os menos culpados no meio disto tudo e que possìvelmente fizeram mais pelos filhos do que eles farão quando pais.

Mocho Solitário

Novos colaboradores

Temos o prazer de apresentar aos nossos estimados leitores um novo colaborador do nosso jornal, que, transbordante de entusiasmo, se dispõe a trazer, através destas colunas, aos seus camaradas mais jovens, alguns interessantes trabalhos que valorizarão em muito a nossa «Página do Escoteiro».

Trata-se do escoteiro Joaquim Manuel Assunção Oliveira, da Patrulha «Picapau», do Grupo n.º 19, da Pontinha.



Este nosso colaborador, jovem de 15 anos de idade, fez o seu compromisso de honra em 12 de Janeiro p. p. e está presentemente a tirar a 2.ª classe. Tem o 2.º ano do Curso Geral do Comércio. Na patrulha, exerce o cargo de secretário e é o bibliotecário do Grupo n.º 19, funções que acumula com as de director do jornal de parede daquela unidade escotista.

«Gamo Ligeiro» é o pseudónimo que escolheu e com que assina muitos dos seus trabalhos.

Continuamos a aguardar a vinda de mais jovens colaboradores, a fim de que «Sempre Pronto» seja, cada vez mais, um jornal de gente nova.

N. da R. — Quando fizemos a apresentação do nosso novo colaborador escoteiro Raul Pires Pedro, dissemos que usava o pseudónimo de «Gamo Ligeiro». Trata-se efectivamente de um lapso, pois que este pseudónimo pertence ao nosso colaborador que apresentamos neste número. Devemos informar que o escoteiro Raul Pedro usa o título de «Alce Veloz». As nossas desculpas.

O «Sempre Pronto» no seu 25.º aniversário

CONCURSO DE DESENHOS

Informamos os nossos mais novos leitores que, muito em breve, vai reunir o Júri para apreciar os trabalhos que recebemos destinados a esta iniciativa de «Sempre Pronto».

Contamos poder dar a conhecer, no próximo número, a classificação dos concorrentes, bem como os prémios que serão atribuídos.

Em todos os sectores da planificação — saúde, educação, formação, mão-de-obra, emprego, agricultura, indústria, bem-estar, divertimento, administração — deve-se determinar primeiramente em que medida os projectos são aplicáveis à geração jovem e além disso como esta pode contribuir para a sua execução. Já que os jovens não são exclusivamente os beneficiários — ou as vítimas — do desenvolvimento; são também os seus artífices principais.

Uma boa política juvenil deve não sòmente reconhecer aos jovens o direito à saúde, à educação e ao trabalho, mas deve também proclamar claramente que a participação autêntica dos jovens na vida nacional, em todos os seus aspectos, constitui a base do processo de desenvolvimento. Uma política nacional de juventude deve ser uma declaração de intenções que, para se concretizar em factos, deve ter o apoio das autoridades políticas e financeiras do país.

Peter Kuenstler
Dirigentes de Assuntos Sociais
das Nações Unidas



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Cenas da vida escotista

Do menos que modesto espólio de meu pai, — perluxo devoto de Santo Humberto — figurava como objecto de maior valia uma magnífica navalha de madrepérola e fino aço (...) Conservada como relíquia em meu poder durante muitos anos, muito resisti às instâncias de meu filho, que alimentava a doce esperança de a possuir, a partir do seu ingresso no 79, até que, para o estimular, acedi, «emprestando-lha» no dia do seu Compromisso com as recomendações fáceis de calcular.

Escusado será dizer que, depois, o empréstimo foi renovado por prazo indefinido e, começadas as actividades, lá foram, rapaz e navalha, para acampamentos e bivaques (...).

Convém talvez ao nosso assunto esclarecer que o rapaz — quem sabe por hereditariedade — não gostava de bacalhau guisado, o que, de resto, já acontecia aos seus progenitores. Ora, um belo dia de acampamento em Carnaxide, foi determinado para o almoço o tal «manjar», cuja confecção teve, como sói dizer-se, a preciosa colaboração de tão «prestimosa» navalha.

Próximo da hora do almoço era ver o Leitão — assim o conhecem no Movimento — afastado dos companheiros, muito aborrecido (...) Lá que havia coisa, havia, e da grossa, pois não era hábito tal conduta (...) provocando perguntas de toda a espécie, para as quais a resposta era sempre a mesma: «*Não tenho nada*» (...).

Um deles, espertote, julgando ter descoberto as causas do aborrecimento, elucidou os restantes: «*Então não sabem que ele não gosta do almoço?*» Pronto! Desvendado o que se tornara mistério para todos, o Brazuna, ao tempo chefe do Grupo, chamou o rapaz e admoestou-o. A resposta, entre soluços, deixou-o atónito: «*Perdi a minha navalha!!*»

Era grave o caso, muito grave mesmo, já por ser conhecida de todos a origem do objecto, já pelo chefe temer que algum dos seus pupilos se tivesse deixado tentar (...). Interrogatório inútil a este e àquele; resolveu por fim o chefe pôr à prova a argúcia dos rapazes na pista do perdido, com a imposição de só se almoçar quando aparecesse (...). Eram porfiados os esforços, mas em vão (...).

Lá foram para o almoço, formando-se um círculo de caras aborrecidas onde se não vislumbrava vontade de comer, rir ou gracejar (...).

Em dado momento, foi o silêncio cortado por um som cavo, como coisa rija a bater no fundo de um dos pratos e, ante o espanto geral, lá estava ela, envolvidinha em denso caldo, como se a adensá-lo mais.

Escusado será descrever a alegria provocada pelo acontecimento, como escusado será dizer que o apetite voltou de tal maneira que *todos* acharam o petisco maravilhoso, incluindo o torturado, a quem, não servindo a lição — nem a mim, depois de a conhecer — a tornou a perder mais tarde, para não mais aparecer até hoje.

Pobre navalha de meu pai! (...)

Faustino Leitão

N. da R. — Com a publicação deste saboroso trecho da autoria daquele que foi nosso companheiro dedicado, relembramos a memória de Faustino Leitão, que partiu para sempre já há mais de doze anos.

Homem simples e bom, estudioso, devotado trabalhador, este nosso companheiro tinha o condão de despertar amizade e simpatia em todos aqueles com quem contactava, mercê da lhaneza do seu carácter, das suas virtudes, da enorme dedicação que nutria por todas as obras que tivessem por escopo a educação, o altruísmo ou a promoção do homem.

Por tudo isso, e também pela larga folha de serviços que Faustino Leitão abnegadamente prestou a este jornal, podemos dizer, com absoluta convicção, que a vaga por ele deixada não mais pôde ser preenchida.

Eis um Escoteiro na mais acrisolada acepção desta palavra.

Nova unidade dos Escoteiros de Portugal, em Cucujães S. João da Madeira

Há cerca de dois anos que funcionava em Cucujães uma secção do Grupo n.º 91, de Gaia, entregue à dedicada chefia do Sr. Mário Vieira Dias, com efectivo de 16 escoteiros, além dos dirigentes.

Esta activa Secção foi agora constituída em Grupo autónomo, tendo recebido o número 18 e recebido reconhecimento oficial, marcando a data da sua fundação em 18 de Junho passado.

A Direcção do Grupo é assim constituída:

Presidente — Dr. Manuel da Costa Pinto (médico)

Secretário — Álvaro Gomes Dias

Tesoureiro — Manuel de Castro Sousa

Chefe de Grupo — Mário Vieira Dias

Chefe Ajudante — Joaquim Brandão de Pinho

A nova unidade é integrada no Núcleo de Vila Nova de Gaia.

DE CARCAVELOS

O Grupo n.º 16 está novamente em actividade

O antigo Grupo dos Escoteiros de Portugal em Carcavelos, unidade cheia de tradições e por onde passaram escoteiros que deixaram o seu nome ligado a actividades de muito interesse, está novamente em actividade.

Encontra-se constituída a sua Direcção, já homologada pela Direcção da A. E. P., de que fazem parte os Srs. Jorge Brotas Cardoso, Presidente, José Eduardo Pena Ribeiro, Fernando Belo e Silva, e Wolf Karl.

Estão nomeados para dirigir interinamente o Grupo os Srs. Manuel Maldonado Cordeiro, chefe, e Joaquim Maria M. Amaral, chefe ajudante.

O Grupo tem a sua sede provisória na Quinta Nova, naquela localidade, havendo grande entusiasmo entre os seus membros e afluência de novos membros.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

ATENÇÃO GUIAS DE PATRULHA!

Gamo Ligeiro realiza um inquérito

O nosso laborioso redactor, de 15 anos de idade, deu início a uma série de inquéritos aos Guias de Patrulha, iniciativa muito própria dos jovens da sua idade especialmente nos meios escolares.

Mas ouçamos a ideia de Gamo Ligeiro: «*O inquérito tem o objectivo de analisar as opiniões dos guias, a fim de, captando ideias, nos podermos orientar por elas para um novo e melhor programa de patrulhas*».



Nome — Vítor João Amaral Vergamota.

Idade — 14 anos.

Habilitações — Estudante.

Grupo — 84 (Entroncamento).

Patrulha — «Águia».

2.ª Classe Escotista.

P. Há quanto tempo praticas Escotismo?

R. Eu pratico Escotismo, faz em Dezembro do ano corrente 2 anos.

P. E como Guia de Patrulha?

R. Como Guia desde 1 de Dezembro de 1968.

P. Que fazes para que a tua patrulha seja boa?

R. Preocupo-me bastante para que os meus elementos me sigam e façam por saber. E por recompensa, nas reuniões organizo jogos.

P. Os teus escoteiros estão interessados no trabalho da patrulha? Porquê?

R. Sim. Porque sabem que no fim do trabalho haverá uma recompensa.

P. Como encaras o movimento? Agrada ou não?

R. Penso que não há falta de ideias e de trabalho, mas há rapazes que não têm muito interesse e cujos Guias não os puxam e não insistem no seu entusiasmo.

Sim. De modo geral, há muitos rapazes que aproveitam e no fim verificam que a sua dedicação valeu a pena.

P. Achas que o método escoteiro está válido para a actualidade ou será que se encontra antiquado no seu aspecto geral?

R. O método escotista continua válido para a actualidade. Na minha opinião é bom, pois, nesta passagem do século, nas veias dos novos há só aventura e fervor. Por isso nenhum despreza o escotismo.

P. Que opinião formulas sobre a pessoa de BADEN-POWELL, como escoteiro?

R. Baden-Powell foi um escoteiro por idealismo.

Ele, um cidadão do mundo, bem mereceu os direitos de cidadania.

E o seu trabalho não foi em vão, pois deixou no mundo ideias que a rapaziada tem aproveitado muito bem.

P. Tens alguns planos que gostarias fossem adoptados no Escotismo, na tribo ou na tua patrulha? Expõe alguns.

R. Tenho. Para melhor aproveitamento dos rapazes, em projecção dum Acampamento Nacional ou Regional, tenho em ideia que as patrulhas deveriam juntar-se numa reunião todas as semanas, presidida pelo Chefe de Tribo ou pelos Guias. Assim os Chefes saberiam se as patrulhas estavam à altura dessa actividade.

P. Achas suficientes os Cursos de Guias que nos são ministrados pela Associação?

R. Sim. Porque nesses cursos os Guias vão-se treinando no seu aperfeiçoamento, podendo mais tarde virem a ser bons Chefes.

P. A tua patrulha assina ou lê, o SEMPRE PRONTO? Achas que o jornal agrada? Porquê?

R. A patrulha não assina, mas lê.

Sim. Pois sempre há actividades e ideias que nós podemos também aproveitar.

E com isto terminamos o nosso Inquérito ao Guia da patrulha «Águia» do Grupo 84, a quem desejamos as maiores felicidades.

«HOJE MELHOR QUE ONTEM; AMANHÃ MELHOR QUE HOJE!»

JOAQUIM MANUEL

«Gamo Ligeiro»

Para ti, irmão-escoteiro

Onde está a velha «Lobo?»

Será por esta patrulha ser a mais velha do Grupo que já não se fala nela, ou estará paralisada? Que se passa?

A esta pergunta, só os seus responsáveis poderão responder. E os responsáveis são o Guia e o Subguia. Não estarão eles a trabalhar convenientemente? Parece que não. Actualmente há quem diga que a «Lobo» não conseguirá manter-se no Concurso Interpatrulhas. Mas nós temos esperança de que ela venha ainda a mostrar verdadeiramente aquilo que vale, pois, se bem repararmos, esta patrulha é a que possui, actualmente, elementos mais novos e inexperientes, pormenor importante para a sua boa marcha.

A patrulha tem quem a dirija; todos os elementos, por muito novos que sejam, devem tentar fazer a mesma coisa que os mais velhos. Só assim conseguirão grandes coisas no futuro.

É das patrulhas do teu grupo a mais atrasada, por isso precisa de trabalhar e experimentar os seus escoteiros para que em breve se possa colocar ao alcance das outras.

São meus votos que a «Lobo» em breve possa vir a ser o que já foi.

Um abraço do

GAMO LIGEIRO

TÉCNICA DE OBSERVAÇÃO

por GAMO LIGEIRO

AS AVES

Adaptado de «Espécies Europeias — As Aves», de L. Bertrand.

(Nota: O tema que aqui se desenvolve é o das aves e aquilo que nelas observamos, para que possamos, quando necessário, tirar alguns apontamentos sobre esses animais).

EQUIPAMENTO — A observação das Aves, feita de uma janela ou num jardim público, não exige precauções especiais de indumentária. Mas, como a maioria das Aves vive fora das cidades (charnecas, bosques, silvados, pântanos), torna-se necessário, para poder encontrá-las, munir-se o escoteiro de bom calçado, usar um vestuário prático e resistente, de cor neutra e discreta, para não chamar a atenção nem obrigar os animais a abandonarem o local onde se encontram. Deve munir-se também de um caderno de apontamentos e dum lápis para anotar no próprio local, a data, a hora, o local preciso (moita, fio telegráfico, etc.) e o sítio onde a Ave foi vista, assim como as particularidades (plumagem, posição, voo) que lhe despertem a atenção.

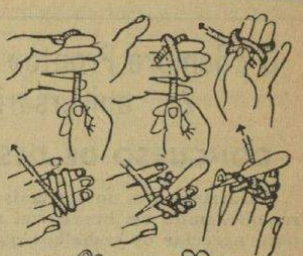
Um utensílio quase indispensável para a observação e classificação das Aves é o binóculo. Os binóculos vulgares são muito úteis, no caso de não se poderem comprar os prismáticos, com o aumento de 8-30 de campo, que parecem ser os mais apropriados para a observação das Aves.

QUANDO SE DEVE OBSERVAR AS AVES — De manhã cedo e ao fim do dia são os momentos mais favoráveis para a observação das Aves. Verifica-se uma diminuição de actividade nas aves a meio do dia, excepto nas que constroem o ninho ou alimentam os filhos.

A melhor estação é aquela em que as árvores estão despidas de folhagem: o Inverno e o começo da Primavera. Porém, grande parte das aves migradoras só são visíveis no Verão.

Trabalhos Manuais

Como fazer a anilha de lenço



É cómodo e barato comprares no S. M. U., já feita, a anilha para o teu lenço de escoteiro.

Não deixa, porém, de ser interessante aprenderes a confeccionar uma, para a teres de prevenção, caso percas a primeira.

Como material, deves usar um cordão de 3 ou 4 milímetros de diâmetro ou ainda uma tira fina de cabedal do género que se usa para atacar as botas.

Agora a habilidade está nas tuas mãos. Olha e segue os diversos aspectos da gravura e... mãos à obra!

PATA DE LOBO

ESCOTEIRO:

Esta Página é tua. Envia-nos os teus trabalhos e as tuas ideias que serão gostosamente publicados.

A excursão de «Sempre Pronto»

A excursão que «Sempre Pronto» promoveu entre os seus colaboradores e amigos, em 22 de Junho p. p., para comemorar o 25.º ano da sua existência, valeu pelo seu significado, já que diversos factores alheios à organização não permitiram que esta tivesse o brilho a que todos nos habituámos em anteriores realizações do nosso jornal.

Todavia, não nos atrevemos a dar por mal empregado, nenhum dos participantes o fará por certo, o dia que ocupámos no agradável convívio com tão estimados companheiros e suas famílias, núcleo de amizades que jamais nos abandonam e são a razão de ser desta nossa teimosia, que dura há vinte e cinco anos. Eles e os muitos jovens a que a sua vida e a nossa se têm dedicado, na esperança de contribuir para um Mundo mais feliz e mais verdadeiro.

Sol — promessa de um dia primaveril

Todos os despertadores terão soado à hora mais desejada, pois a concentração dos participantes fez-se sem dificuldade à hora marcada. Todos, menos um; mas o horário de partida não se compadece dos dorminhocos, muito menos se são da casa e têm de dar o exemplo. Isso valeu-nos uma matinal corrida através de toda a Lisboa, em perseguição da camioneta onde seguiam os excursionistas, o que mereceu a pena, diga-se de passagem, para podermos apreciar quanto era estimada a nossa presença.

Foi, portanto para nós (perdoem-nos a vaidade), a segunda saudação do dia, já que a primeira havia sido feita ao sol esplendoroso que resolvera acompanhar-nos.

Quando o imprevisto é tema

Confortàvelmente instalados, conversando amenamente, antegozando já o prazer de mais uma excelente lição que o companheiro Simões Aurélio nos iria oferecer sobre o *seu* (e *nosso*) tão apreciado Alexandre Herculano, não nos passava sequer pela cabeça que o forte motor que nos fazia rolar tão velozmente não passa de uma simples máquina, paradoxalmente frágil e, como tal, susceptível de a todo o momento...

Pois foi isso mesmo que aconteceu. A certa altura parou e não andou mais. Nem o carro nem nós que, desagradàvelmente presos do veículo em plena auto-estrada para Vila Franca, tivemos de aguardar cerca de duas horas que outro autocarro surgisse para substituir o que se avariara.

Ninguém perdeu o bom humor, mas o programa ficou, desde logo consideràvelmente ameaçado e, se não fora o espírito de compreensão e amizade que a todos animava, jamais aquele poderia ser observado.

Vila Franca serve-nos um rápido pequeno almoço, já bastante atrasado, e eis-nos a recobrar de novo a boa disposição, retomando o são convívio familiar enquanto percorremos velozmente a fértil campina alentejana a caminho de Santarém e, depois, de Vale de Lobos.

Falar brilhantemente de um português brilhante

Ali, Alexandre Herculano escritor, historiador, patriota, esteve connosco durante algum tempo, na paisagem paradisíaca que rodeia a casa onde viveu os últimos anos da sua vida.

Luís Simões Aurélio, em mais uma admirável palestra, impôs-nos a presença do grande mestre da literatura portuguesa evocando, com a assombrosa precisão de datas que a sua privilegiada memória lhe concede, a vida e a obra daquele que foi um dos maiores vultos da nossa literatura.

Pena foi que o falecimento recente (3 dias antes) da proprietária da vetusta quinta não nos permitisse visitar a casa onde viveu e morreu o grande escritor, na qual se conservam intactas algumas recordações da sua estada.

Ver ou não ver Malhoa — eis a questão!

Só depois das últimas palavras da excelente lição de Simões Aurélio e de o aplaudirmos como merece nos pudemos lembrar de que já estávamos um tanto atrasados para o almoço. Caminhou-se, então, um pouco mais depressa até às Caldas da Rainha, onde aquele decorreu com o costumado ambiente de animação e companheirismo.

Entretanto, era forçoso equacionar o tempo e para muitos foi indispensável adiar para uma próxima oportunidade a projectada visita ao valioso museu «Malhoa».

Óbidos — terra portuguesa

Sempre agradável e reconfortante a visita à curiosa e acolhedora vila, que as grossas muralhas cercam. Um demorado olhar pelo vasto panorama que se observa do alto das suas muralhas, respeitando o ar lavado dos campos simètricamente dispostos em redor é para nós frémito suficiente do esforço exigido para chegar até ali.

Uma depressão atmosférica, situada a norte do rio Tejo...

Agora vamos para a praia. Todavia, passa já das sete e a hora do banho fugiu há muito. Mesmo assim, um agradável passeio à beira-mar está ao jeito para desentorpecer as pernas e respirar saúde.

Pois é. Mas existe essa coisa da massa de ar instável, etc., etc. que nos obriga a ficar o mais estável possível dentro do autocarro para não vermos encharcadas as roupas de verão muito a propósito vestidas para estes passeios em Junho, muitas vezes contrariados pela surpresa de uma depressão atmosférica que se move lentamente no sentido... de cima para baixo.

Pouco importa porém. Agora já é noite e a jornada está quase no fim. Não será a chuva senão mais um contratempo para pôr à prova a disposição de um grupo de amigos sinceros, daqueles que «Sempre Pronto» jamais deixou de sentir à sua volta.

Bem hajam pela companhia com que nos honram e a amizade com que nos distinguem!

M. G.

A visita do Prof. Marcelo Caetano no Brasil

Durante a visita que o sr. Presidente do Conselho efectuou no decurso deste mês à Pátria-Irmã, esteve, como noticiámos no último número, com os escoteiros brasileiros num acampamento nacional que se realizou em Belo Horizonte, acontecimento a que nos referiremos, mais detidamente, no próximo número.

Antecedendo a partida do sr. Prof. Marcelo Caetano para o Brasil, o sr. Presidente da Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal enviou à União dos Escoteiros do Brasil o seguinte telegrama:

«Como Português grande amigo Brasil Cidadão Carioca Honorário Presidente Associação Escoteiros Portugal congratulo-me viagem ilustre Presidente Conselho Ministros Portugal grande amigo país irmão comprovada visita Acampamento Nacional Escoteiros Brasileiros ponto Professor Marcelo Caetano foi escoteiro chefe diplomado Associação Escoteiros Portugal ainda se encontra vinculado Movimento sócio efectivo da Fraternal Antigos Escoteiros Portugal ponto Cordiais saudações votos felicidades para todos

ALMIRANTE HENRIQUE TENREIRO»

ANTIGOS ESCOTEIROS

1950

Corpos Gerentes de 1969 e 1970

Mesa do Conselho Nacional

Presidente — Dr. Francisco Cortez Pinto
1.º Vice-Presidente—Reverendo Eduardo Moreira
2.º Vice-Presidente — Comodoro Daniel Duarte Silva (*)
1.º Secretário — António Francisco Xavier de Brito
2.º Secretário — Albano da Silva (*)

Direcção

Presidente — Humberto Martins
Vice-Presidente — Gustavo Pereira da Costa
1.º Secretário — Manuel P. Sá Viana
2.º Secretário — Almerindo Gonçalves Fernandes (*)
Tesoureiro — Fausto Sacadura
1.º Vogal — João Henriques Pereira Soares (*)
2.º Vogal — Wolfgang Karl (*)

Conselho Fiscal

Presidente: — Amílcar Fernandes
Secretário — Mariano Garcia Inácio (*)
Relator — Eugénio Ribeiro Nunes

O asterisco assinala os novos membros dos Corpos Gerentes, todos os outros foram reeleitos.

Conheça o significado

«Sempre Pronto» inicia uma secção destinada à gente nova, procurando dar um significado de termos que aparecem citados com muita frequência. Necessàriamente que estes breves e simples apontamentos não são destinados a leitores que pela sua formação e cultura dominam perfeitamente as matérias focadas. São para os mais novos e no intuito de os auxiliar na compreensão de assuntos que vêm a público e, ao mesmo tempo, despertar neles o interesse para mais ampla informação.

ACÇÃO E ACÇÕES — Título de crédito transferível que representa uma quota-parte do capital das sociedades anónimas ou em comandita por acções, tendo impresso o valor nominal.

O capital destas sociedades é representado por determinado número de acções e os seus possuidores têm direito a votar nas assembleias gerais dos accionistas. *Accionista* é o possuidor das acções. Os lucros das sociedades referidas são partilhados pelas acções em percentagens que se designam por *dividendos*. O dividendo é de ordinário distribuído anualmente e é fixado pela assembleia geral após a aprovação do balanço e contas.

As *sociedades anónimas* são assim designadas exactamente porque o seu capital é dividido por acções, que podem ser transaccionadas e transferidas pelos seus possuidores, que podem não ser conhecidos, sendo a responsabilidade da empresa limitada ao seu capital e situação líquida.

As sociedades em *comandita por acções* são instituições em que coexistem sócios com capital representado por quotas e outros com acções pelo mesmo sistema das sociedades anónimas. Este sistema permite o apoio a comerciantes de fracos recursos, mas de boa experiência comercial, por capitalistas ou empresas que subscrevem as acções.

Dado que o Escotismo procura fomentar entre a juventude o hábito da economia e previdência o *papel* das sociedades anónimas, assim se designam na linguagem corrente as acções, oferece por vezes interessantes oportunidades à poupança. Juntando pequenas economias, podem ser adquiridas a pouco e pouco algumas acções, que geralmente proporcionam lucro mais compensador que o juro bancário, com possibilidade de valorização do capital, embora com o consequente risco de uma eventual desvalorização. Por isso, este género de investimento carece de ser orientado por quem esteja bem informado.

As *sociedades anónimas* foram exactamente fundadas para permitir o aproveitamento de pequenos capitais em empresas de interesse público. Infelizmente, porém, as boas intenções perdem-se quase sempre pelas ambições e egoísmo de uns tantos.

ACEITE — Acto pelo qual o devedor (sacado) se compromete a pagar no seu vencimento uma letra. O aceite é, portanto, uma declaração de conformidade com o título de crédito, designado por *letra*, em que o credor (sacador) comunica ao sacado que deverá pagar determinada importância, em data no mesmo documento designada, a ele ou a quem possuir o referido documento, que é transferível por meio de *endosso*. De harmonia com o art. 25.º da «Lei Uniforme relativa às Letras e Livranças» a simples assinatura do sacado aposta na parte anterior da letra vale como *aceite*. Após esta declaração o sacado passa a designar-se por *aceitante*.

ACTIVO — É o conjunto dos valores que o comerciante ou a empresa possui para agir, negociar ou produzir, incluindo-se nestes valores aquilo que lhe é devido por terceiros.

GRUPO N.º 19 — PONTINHA

Inauguração do Salão de Festas do Bairro

No dia 10 de Junho, visitou a nossa sede o Grupo 7, que depois realizou uma actividade na mata da Paiã.

À noite, na inauguração do Salão de Festas da Pontinha, o 7 fez-se representar por três caminheiros.

O 19 também esteve nesta cerimónia e fez-se representar na mesa de honra pelo Rev.º Padre Estrela, onde também se viam os Srs. Presidente da Câmara Municipal de Loures, Presidente da Comissão Central das Juntas de Freguesia, Governador Civil de Lisboa e membros da Comissão Central do Salão.

Depois dos discursos proferidos por vários dos componentes da mesa de honra, seguiu-se um baile com o Conjunto D. Dinis.

No final, os escoteiros fizeram guarda de honra à saída das individualidades presentes.

Excursão à Paiã

No dia 5 de Junho, efectuou-se uma pequena excursão à mata da Paiã.

Consistiu a actividade na montagem de cabos vaivém, jogo do Kim, assalto ao castelo, seguimento de pistas e também pequenos exercícios de nós.

Nesta actividade, as patrulhas tiveram a seguinte classificação:

Patrulha «Lobo» — 80 pontos.
» «Pica-pau» — 43 pontos.
» «Pantera» — 36 pontos.

Acampamento na Costa da Caparica

Nos dias 7 e 8 de Junho, o nosso Grupo realizou um acampamento na Costa da Caparica, que teve por objectivo a montagem de abrigos aéreos.

Essa actividade, denominada de preparação de amarrações e abrigos com panos de tenda, teve formidável êxito por parte dos nossos elementos, que gostam de coisas novas, e suscitou interesse em Grupos que também se achavam ali acampados.

Joaquim Manuel de Assunção Oliveira
(«*Gamo Ligeiro*»)

Novos assinantes

Um exemplo a seguir!

O Grupo n.º 6 de Olhão e o seu Chefe estão cooperando activamente na campanha para novas assinaturas do «Sempre Pronto», tendo remetido os nomes de quatro escoteiros do seu Grupo que desejam assinar o jornal. São eles:

José Fernando de Jesus Martins
João Manuel Lemos
José Horácio Forra Simas
João dos Santos Jubilot

Damos as boas-vindas aos novos assinantes, com os nossos agradecimentos.

Os escoteiros já disputaram a Volta a Prtugal em bicicleta

E esta!

Naturalmente são poucos os escoteiros de agora que sabem que um seu camarada já disputou a Volta a Portugal em bicicleta.

Pois é verdade. Foi a I Volta, corrida há 42 anos, que contou com a presença de um corredor que representava os escoteiros. Trata-se de José da Conceição Rodrigues, apaixonado do ciclismo — e também do escotismo — que concluiu a célebre prova ciclista, tendo-se classificado em 4.º lugar na categoria dos «fracos».

José da Conceição Rodrigues, que mais tarde viria a chefiar o Grupo n.º 7, onde produziu bom trabalho, não viu terminada, com esta competição, a sua carreira de ciclista, pois chegou a representar o Águias de Alpiarça e o Recreativo dos Olivais.

O facto de ter representado os escoteiros na «Volta», calou fundo na admiração dos amigos do escotismo. Um jornal diário da capital publicou, por essa altura, uma sugestão de um leitor que alvitrava que entre todos os escoteiros e ex-escoteiros se instituísse um prémio para ser oferecido ao escoteiro-ciclista na ocasião da sua chegada à meta, como homenagem à força de vontade de José Rodrigues, «pois não sendo ele corredor e até pouco andando de bicicleta» não hesitou em arrostar com tão difícil empresa.

Este caso passado com o antigo chefe José Rodrigues desmente aquele ditado que diz que dos «fracos» não reza a história...

O BOM HUMOR DE **BADEN-POWELL**



Continuamos a aguardar que os nossos prezados amigos nos distingam com a sua colaboração, enviando-nos transcrições de episódios, anedotas, sentenças, desenhos que se celebrizaram entre os escoteiros por serem da autoria de Baden-Powell e, assim, se terem tornado históricos dentro do nosso movimento.

Publicamos neste número mais um saboroso episódio que B.-P. nos conta num dos seus livros, passado durante o cerco de Mafeking.

Eis o que diz B.-P.:

Arranjei um inofensivo truque para incomodar o inimigo quando, à noite, se encontrava mais ferrado no sono: munido de um megafone de folha-de-flandres, dirigia-me, noite alta, para uma das nossas trincheiras mais avançadas.

Descobrira que a voz se propagava fàcilmente a 1 200 metros. Aproveitando-me dos meus dotes de ventríloquo, imitava um diálogo entre um oficial e um soldado. O oficial dava ordens a uma patrulha imaginária para avançar muito cautelosamente, perguntava ao sargento Jackson, por exemplo, se os seus homens estavam prontos.

O «sargento» respondia: «*Faça favor de dizer ao fuzileiro Thomas para preparar a sua baioneta*» ou qualquer outra fantasia do género.

Um intenso fogo respondia normalmente a esta encenação, porque os Boeres, julgando ir dar-se um ataque, davam imediatamente o alerta...

NO RESCALDO DE DOIS CENTENÁRIOS

Continuação da pág. 1

amena troça feita aos meus compatriotas com a referência ao tal «emblema»; mas não *encabulei*, como lá se diz. Convidado a falar em certo centro cultural, onde numerosos amigos brasileiros que então tinha (e ainda felizmente tenho) me ouviam, falei do tamanco em termos líricos. Lembrei que há quatro e meio séculos um povo pequeno e pobre, mas rico e grande de aventurosas aspirações, tinha tomado uns tamancos (pois não? pouco mais do que isso; «cascas de noz» têm sido chamadas as nossas lindas caravelas) armando-os com velas onde pompeava ao vento a Cruz de Cristo, muito branca, espalmada em sangue, velame cheio de beleza e de audácia. E... havia descoberto para a ciência, a fé e o comércio aquela terra enorme e formosa, levando-lhe, com o idioma e o seu génio peculiar, sangue, suor e lágrimas que a fecundaram, ou antes, que ordenaram a sua profusa e vivaz natureza. Séculos depois, da mesma metrópole, de recursos modestos, estreita franja da Europa (só por hipérbole camoniana chamada cabeça dela) levanta-se outro «tamanco», agora com hélice e motor, mas levando como adorno, bem alta, como ainda não chegara, a mesma Cruz de Cristo. Este ousado tamanco sobrevoa o mesmo oceano e vai descer, num milagre de exactidão matemática, nos rochedos de S. Pedro e S. Paulo, graças à experiência e à coragem de dois homens, Sacadura Cabral e Gago Coutinho, e ao sextante que este último imaginou, e ficaria até hoje em uso em viagens aéreas.

Tenho uma vaga ideia de que houve uma ovação. Vaga, digo, porque nesses momentos a gente sente-se ainda mais pequenino. E afinal o valor da evocação residia em Portugal e no seu povo. O sextante e a coragem haviam realizado esta segunda maravilha.

Mas sempre há uma sombra no quadro, por mais luminoso que o queiramos: enquanto a ciência alemã e a sua indústria subsidiária conheceram pelo nome do seu inventor, o mesmo não sucedeu nos Estados Unidos da América, quando o utilizaram. Lamentei-o quando isto li nas gazetas. Até que, na última jornada às imediações da Lua, os valorosos astronautas norte-americanos citaram esse nome de Gago Coutinho, que honra a ciência e a técnica modernas, e a nossa Pátria, não só pelo sextante que usa o seu nome como por toda a sua vida consagrada à investigação e coroada de úteis realizações, sem que para si jamais buscasse o estrépito das tubas da fama.

DO ENTRONCAMENTO

O 40.º Aniversário do Grupo n.º 84

Em 22 de Junho passado, comemorou-se o aniversário deste Grupo. Logo de manhã, os escoteiros, lobitos e avezinhas reuniram-se na sede, tendo desfilado até à igreja, onde participaram na Missa, tendo prestado a Primeira Comunhão alguns rapazes e raparigas do Grupo, devidamente uniformizados. No altar esteve a bandeira do «84» com dois guiões de patrulha.

O Grupo regressou à sede novamente em formatura, onde foi recebido pelo presidente da Direcção, sr. José Duarte Coelho, tendo o Escoteiro-Chefe dirigido algumas palavras aos escoteiros acerca da vida e obra daquela unidade dos Escoteiros de Portugal que há 40 anos mantém aceso o facho do Escotismo no Entroncamento. O sr. Duarte Coelho congratulou-se com a actual fase da vida do Grupo e dirigiu palavras de estímulo a todos para que continuassem sem desfalecimentos, terminando por abraçar na pessoa do Chefe todos os membros do «84».

À tarde, todo o efectivo do Grupo se voltou a reunir para uma festa de campo. Foi feito um jogo, sobre um tema do «roubo de uma bandeira por um espião», em que todos participaram com entusiasmo. O Sr. Presidente do Grupo ofereceu depois um lanche a todos os escoteiros e lobitos.

Encerrou-se neste dia a primeira parte de um concurso que tem estado a decorrer desde o princípio do ano, cujas classificações foram as seguintes:

1.ª Patrulha Águia — 107 pontos.
2.ª » Vasco da Gama — 56 pontos.
3.ª Patrulha Leão — 18 pontos.
4.ª Alcateia de Lobitos — 7 pontos.
5.ª Patrulha Galo.

O prémio atribuído foi uma cantina de alumínio para patrulha.

Vai prosseguir a segunda parte do concurso, que terminará em 31 de Agosto.

Uma excursão oferecida pelo Presidente do Grupo

Em 29 de Junho, efectuou-se uma excursão de autocarro que visitou Fátima, Leiria, Batalha, Conímbriga e Coimbra, tendo os membros do Grupo visitado animadamente todos os monumentos e lugares de interesse das localidades visitadas. O almoço foi tomado na mata de Coimbra, lugar aprazível, onde os rapazes passaram momentos agradáveis entoando canções do reportório escoteiro.

Esta viagem foi oferecida pelo Sr. José Duarte Coelho, presidente do Grupo, em comemoração do 40.º aniversário. Alguns familiares dos escoteiros participaram na excursão. — C.

Círculo de antigos nadadores

Recebemos desta agremiação, que tem por finalidade «aglutinar antigos nadadores que tenham entusiasmo pelo desporto que praticaram e vejam nele uma fonte de energia e saúde, levando pelo seu exemplo, os jovens a praticá-lo», o relatório e contas referentes aos anos de 1964 a 1968.

Por esta publicação pode-se ter uma noção do que foi a actividade deste Círculo, em especial no que concerne ao patrocínio dado a todos os empreendimentos que visem a propaganda e o desenvolvimento da natação no nosso país.

Dos Corpos Gerentes desta agremiação fazem parte os nossos estimados amigos Srs. Gustavo Pereira da Costa, presidente da Comissão Executiva, e Luís Alves Miguel, tesoureiro, ambos antigos e conceituados nadadores e também antigos escoteiros dedicados.

Sempre é tempo de corrigir descuidos como esse, e a forma gentil como a correcção tem sido feita merece a nossa gratidão. Ao encarecerem o êxito da sua viagem pelo espaço ignoto, com a muito natural satisfação do triunfo alcançado, tem sido a viagem posta a par da audácia dos Portugueses ao aventurarem-se ao «Mar Tenebroso» com a resistência de que deram sobejas provas, pouco mais tendo para se guiarem que as estrelas e os ventos, o velho astrolábio e as tábuas de Mestre Salomão Zacuto.

Está constituído no Funchal um novo Grupo dos Escoteiros de Portugal, velha aspiração dos antigos escoteiros daquela cidade

Após várias tentativas para reorganizar o Grupo n.º 24 da cidade do Funchal, tiveram finalmente êxito as diligências últimamente efectuadas, graças a um conjunto de boas vontades e dedicações, estimuladas pelas visitas que alguns dirigentes de Lisboa têm tido ocasião de fazer ao Funchal, animando o entusiasmo dos escoteiros locais.

O Grupo, que teve já reconhecimento oficial de harmonia com o disposto no Decreto n.º 31 908, foi inaugurado no passado dia 10 de Junho, dando sequência a um ano de trabalho em fase de organização. A nova unidade dos Escoteiros de Portugal tem a sua sede na Rua do Bispo, 42-2.º, sendo seu chefe o nosso colaborador Sr. António Pestana, coadjuvado pelo Chefe Ajudante Sr. José Firmino Ferreira.

A Direcção está constituída pelos Srs. Tenente António José Abreu, presidente; António Ferreira Teixeira, tesoureiro; o chefe do grupo, e vogais os Srs. José Manuel Pereira Proença e Sidónio Pereira de Abreu. Como representante dos pais, o Sr. Fernando Bettencourt, dos antigos escoteiros, o Sr. Manuel Franco Moniz, e dos sócios auxiliares o Sr. Lídio Aurélio Valentim de Freitas.

A nova unidade conta ainda com outros dirigentes: Chefe de Clã, Sr. José Alberto Franco Castro; Chefe de Tribo, Rui Manuel de Abreu Andrade; Chefe de Alcateia, Sr.ª D. Délia Ferreira Pestana, e assistentes religiosos, os Senhores Reverendo Padre Manuel Sancho de Freitas e Reverendo Pedro Vital da Silva Barbosa, antigo escoteiro de Lisboa.

O Grupo, por ocasião do censo de Dezembro, contava já com 27 escoteiros, não incluindo neste número os dirigentes.

Foi também constituída uma Comissão de Patrocínio, de que fazem parte figuras de muito relevo na Madeira, a que nos referiremos em próxima notícia.

SEMPRE PRONTO

Número 291

Julho de 1969

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

O Escotismo busca a valorização dos indivíduos e procura torná-los úteis para a obra colectiva. Não vejo outro caminho que leve a melhor humanidade

— declarou em Belo Horizonte o PROFESSOR MARCELO CAETANO

Na sua viagem ao Brasil, o Sr. Professor Marcelo Caetano, Presidente do Conselho do Governo Português, visitou Belo Horizonte para inaugurar o Acampamento Nacional de Patrulhas dos Escoteiros do Brasil, que lhe prestaram homenagem como fiel e prestigioso Antigo Escoteiro, tendo-lhe sido entregue pelo Chefe Escoteiro do Estado de Minas Gerais, sr. dr. Arthur Basbaun, o «Tapir de Prata», a mais alta condecoração do Escotismo Brasileiro.

Nesse momento, e depois de ter sido saudado por um jovem escoteiro brasileiro, o sr. Professor Marcelo Caetano proferiu uma saudação aos escoteiros da nação irmã, em que afirmou fidelidade ao prolóquio *uma vez escoteiro sempre escoteiro* e disse:

Queridos companheiros:

Abriu-se uma excepção nas normas rígidas do programa oficial da minha visita para que vos pudesse saudar na abertura do vosso acampamento nacional.

Pena tenho de que não possa fazê-lo no primeiro fogo do conselho, sentado, como vós, sob o céu nocturno, em redor da fogueira significativa dos ideais escotistas.

Há um velho prolóquio que diz: «Quem uma vez foi escoteiro, sempre escoteiro ficará». Assim sucede comigo. Escoteiro na minha infância e juventude, não mais se apagaram do meu espírito as marcas lá deixadas pelo movimento lançado em boa hora pelo velho Baden-Powell.

Os tempos mudaram, para mim e para o mundo. O mundo de hoje é muito diferente daquele para o qual o fundador concebeu o seu método de formação da juventude no começo do século. Mas há nesse método verdades perenes da psicologia juvenil, há previsões prescientes relativamente ao conflito crescente entre a personalidade e o meio social, há o apelo à Natureza como redentora das fadigas com que a civilização industrial onera a alma humana — e tudo isso faz com que o Escotismo continue actual. É a razão pela qual vós estais aqui. E também pela qual eu estou convosco.

A juventude procura, nesta viragem da civilização, um rumo novo. Quer mais felicidade para os homens, mais justiça para os oprimidos, mais paz para as nações. Mas estes ideais nobres não se conseguirão na desordem, na destruição e na anarquia. Todas as conquistas humanas foram e serão obra do esforço construtivo do homem. Os progressos sociais assentam no melhoramento individual. A sociedade é dos homens, e com homens perversos não pode haver sociedades sãs, justas e felizes.

O escotismo busca a valorização dos indivíduos e procura torná-los úteis para a obra colectiva. Não vejo outro caminho que leve a melhor Humanidade. Com os pés no chão ou viajando nos espaços siderais os homens serão sempre, na dignidade eminente de cada pessoa, a preciosa substância das sociedades, das pátrias e da comunidade internacional.

Queridos companheiros: desejo-vos horas felizes neste acampamento. Que ele vos dê novas energias físicas e morais, novos ensinamentos e novos estímulos para que possais levar por diante o nobre desígnio de viver — «uma vida que valha a pena ser vivida para o serviço dos outros».

Muito obrigado!

Cobrança de Assinaturas

O apelo para que os nossos dedicados assinantes nos ajudassem no pagamento das assinaturas enviando-nos, quando possível, a sua importância, foi secundado pelos seguintes estimados amigos:

Assinantes Patrocinadores: Senhores Albano da Silva e Paulo Maurício. E, através do nosso Delegado nos Açores, o sr. Rolando Correia, de S. Miguel.

O sr. Tenente Manuel Canhão Fernandes, assinante desde os primeiros números de «S. P.», também nos remeteu o valor da sua assinatura.

A todos o nosso reconhecido «muito obrigado»!

OS ESCOTEIROS DO BRASIL

Saúdam o antigo escoteiro Professor Marcelo Caetano pela voz de um jovem escoteiro de Minas Gerais

Irineu Pierre saudou assim o Presidente do Conselho do Governo de Portugal:

Senhor Doutor Marcello Caetano:

Sou um pequeno segundanista ginasial (x) e tive muita alegria em ser convidado para o saudar em nome da União dos Escoteiros do Brasil, nesta sua visita de uma hora e meia a Belo Horizonte.

Senti grande alegria quando tomei conhecimento de que V. Ex.ª declarou, em 1932, que o escotismo tem importância na reconstrução nacional e que o desejo do seu Governo é estreitar os laços espirituais que unem o querido Portugal a este querido Brasil. Compreendo, agora, porque na sua muita curta presença nesta capital de Minas Gerais teve tempo para nos visitar a todos nós, escoteiros, neste acampamento. O Senhor Presidente foi escoteiro e dá-nos, com a sua honrosa presença, grande estímulo para nós nos aperfeiçoarmos cada vez mais no escotismo. Nunca poderíamos pensar que um homem tão importante e tão conhecido no mundo inteiro nos viesse visitar.

Somos levados, por isso, a manifestar ao grande Presidente do Conselho de Ministros da Nação Portuguesa, nossa estimadíssima Mãe, profundos agradecimentos pela honra que nos concedeu visitando-nos.

Nunca, nunca esqueceremos a visita de hoje, que marca uma data gloriosa da nossa história escoteira. Ao Senhor Doutor Marcello Caetano e a toda a comitiva de altas personalidades a sincera homenagem e os votos de bom presságio da União dos Escoteiros do Brasil.

(x) *Liceal.*

«Diário do Norte»

A secção «ESCUTISMO» deste importante vespertino, que se publica no Porto, inseriu no seu número de 13 de Junho uma desenvolvida notícia acerca dos «Escoteiros de Portugal», sua constituição e princípios fundamentais, referindo com muita exactidão a atitude da Associação para com as diferentes confissões religiosas, afirmando a este respeito: *Não é desta ou daquela confissão religiosa, mas respeita-as a todas, o que significa, ao contrário do que muitos supõem, e infelizmente alguns querem fazer supor, o que significa, diziamos, que é uma associação escotista aberta a quaisquer cristãos e consequentemente a católicos.*

Baseando-se no Regulamento Geral a referida notícia refere-se às normas a seguir para a fundação de novos grupos, à insígnia associativa e divisa.

Agradecemos à secção «Escutismo» do «Diário do Norte» não só a boa referência aos Escoteiros de Portugal, mas sobretudo a tão criteriosa informação.

VISADO PELA CENSURA